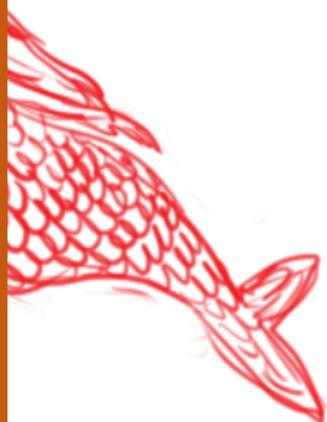




# Arquivos & Educação

**Experiências e pesquisas  
brasileiras em diálogo**



**Ivana Denise Parrela  
Adriana Carvalho Koyama  
(organizadoras)**

# DA CIRCULARIDADE DO CONHECIMENTO:

## sobre a ação educativa em acervos pessoais

**FERRARI, Elly Rozo**

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Serviço Educativo  
Praça do Relógio Solar, 342, Cidade Universitária, São Paulo – SP – CEP 05508-050  
elly.rozo@gmail.com

### RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre as mediações no contexto dos estudos arquivísticos e áreas correlatas. Tais reflexões são oriundas de trabalho de pesquisa em andamento sobre os usuários nas práticas profissionais de arquivistas. São apresentados aqui resultados da revisão bibliográfica sobre as mediações e a discussão da relação das mediações com o tema deste simpósio – Arquivo e Educação. É possível dizer que a discussão sobre a mediação inclui algumas perspectivas teóricas e práticas já presentes nos arquivos, como educação patrimonial, ação educativa, difusão cultural, descrição arquivística, treinamento de produtores documentais. No entanto, a discussão teórica sobre mediações provoca reflexões sobre o papel potencial transformador do arquivista enquanto mediador – um agente com intencionalidade, alteridade e consciência das implicações de seus atos simbólicos – as quais podem ser significativas tanto para os usuários tomados individualmente quanto para grupos e organizações, na cultura e na sociedade.

**Palavras-chave:** Mediação. Arquivista. Arquivologia. Usuários. Arquivo.

## Introdução

Este relato aponta alguns procedimentos sobre como fazer educação em acervos pessoais. As muitas camadas que se interpõem e se conectam na própria constituição desses conjuntos e a complexidade das abordagens desses acervos com os mais diversos tipos de público desconstruem qualquer ideia de que somos capazes de dar conta de um acervo, ou de um item em sua redução, apenas pela apresentação e explicação, em regra, sumária.

Embora isso não possa ser imputado a todos os serviços educativos, a desinformação sobre as possibilidades educativas como área de conhecimento – pela extrema dificuldade em sua constituição enquanto área especializada ou, opostamente, pela orientação para um serviço massivo da indústria cultural – acaba por deslocar os saberes já constituídos para uma função acessória e linear. Tal conhecimento não vai além dos conteúdos, alijando-os dos processos de problematização desses acervos que perpassariam em discussões sobre ordem da produção, uso, sentido social, constituição do acervo e guarda e preservação, entre outros, restringindo-os, muitas vezes, ao entendimento de uma atividade à resposta didática, como filial das práticas da educação escolar, naquilo que muitos chamam de “monitorias”.

De outro lado, se os acervos pessoais diferem dos arquivos e museus históricos, atualmente já são merecedores de atenção nos debates relativos à presença de arquivos/coleções privados em lugares públicos. Eles se particularizam ainda mais quando a instituição de guarda é uma universidade, fazendo deles objetos vinculados ao ensino, à pesquisa e à extensão. Por consequência, dirigem-se à comunidade acadêmica, composta por pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, privilegiando, então, duas das três pontas dessa missão.

Nesse panorama, os serviços educativos universitários foram criados para garantir na extensão a extroversão dos acervos, sendo de suas das grandes plataformas o atendimento a escolas, o que poderia, também, implicar a tendência de se entender tanto o serviço como a extensão apenas como atividades escolarizadas. Essa naturalização é tão redutora como a naturalização por que passam os documentos e peças de acervos quando usados didaticamente sem critério ou com objetos fetichizados em exposições.

De fato, é possível combater tal naturalização se pensarmos na ampliação desse campo nos diversos modos de se fazer ação educativa com a preservação da memória de determinada coletividade. Há atuações fortes e consolidadas, tanto dentro como fora da universidade, inclusive com a interação de ambas em um mesmo projeto ou programa.

Nesse sentido, a ação educativa já se faz presente nas áreas científicas, relatando suas experiências em variados níveis da educação, formal e não formal, ao mesmo tempo em que realizam atuações com as comunidades não escolares, colaborando para que protagonismos sociais – cuja cultura produz documentos em outras bases que não as dos acervos e instituições de guarda – possam compartilhar novas formas de extensão universitária. Não se trata mais apenas de informação, mas também de conhecimento, envolvendo os contextos de produção, para uma ressignificação na construção das memórias coletivas e, desta maneira, por intercâmbio, propiciar aos serviços educativos a atualização de conjuntos documentais com as vivências de quem os visita.

Tratando de acervos pessoais em ambientes universitários, o IEB-USP possui um conjunto de fundos e coleções que se constitui em um universo composto por arquivo (documentos, manuscritos, fotografias, correspondências, etc.), coleções (desenhos, pinturas, esculturas, objetos das mais variadas naturezas e coleções temáticas, entre outros), e biblioteca (livros, periódicos, catálogos, impressos e afins) de seus titulares. Isso demanda atitudes muito diversas de processamento e acesso, norteadas pelas ciências especializadas das três grandes áreas geradoras de enormes desafios, posto que conjugam as áreas de interesse e de atuação dos titulares com os saberes técnicos especializados da arquivologia, museologia e biblioteconomia. Soma-se a isso o fato de esses conjuntos se apresentarem em suportes variadíssimos e com múltiplas linguagens.

O que poderia ser desvantagem, é benefício, na medida em que podemos nos deslocar em áreas outrora estanques, gerando uma fluidez na construção de novos saberes complexos, que constituem a base das atividades educativas contemporâneas.

Para que não perdêssemos essa complexidade, as ações não teriam sentido se não ocorresse a integração da extensão universitária com a pesquisa e o ensino, objetivando o atendimento de forma qualificada, e não estratificada.

Os programas se distribuem em campos transdisciplinares, mediados pela auto-organização e transformação a partir do interesse e intervenção daqueles que participam das exposições, das visitas orientadas e atividades relacionadas, da pesquisa e profissionalização, da atualização profissional, da articulação de ações e projetos com outras áreas de museus, arquivos, bibliotecas e órgãos de cultura e das ações em diversos setores da sociedade.

## Da circularidade do conhecimento

No IEB, os acervos são abertos a qualquer pessoa para consulta. Excetuando algo que possua impedimento devido a questões técnicas ou legais, basta seguir as regras da instituição no que diz respeito às normas de uso dos espaços, manuseio dos documentos e itens de acervo, horários e agendamentos prévios. Os interesses dessas buscas variam tantos quantos forem os usuários.

Partindo desse princípio, entendemos que as ações educativas devem contemplar essa diversidade de intenções, trazendo-a como item gerador das atividades. Nesse sentido, sempre há uma discussão do interesse daquele que nos visita, com sua experiência e biografia, para, a partir disso, desenvolver uma rede de relações com nossos acervos e, para depois, construir a atividade. Isso quer dizer que não há atividade repetida já que o encaminhamento depende dessa interação. O número de pessoas atendidas também não obedece à lógica da cultura de massa. Trabalhamos com quantidades passíveis de retornarmos à prática da conversa ao pé do fogo, onde todos têm contextualizada sua fala e cujo testemunho oral “deve ser entendido como um testemunho do corpo” (MENESES, 2013, vídeo), oferecendo tempo e espaço para experimentar as peças ou documentos apresentados para aquela atividade em especial.

Adotamos o termo *programa*, devido à maneira como constituímos nossas ações. Elas são transformadas à medida que vão sendo desenvolvidas. Tal como Dewey, acreditamos que “planejar e executar são atividades conjuntas, integradas, não atividades unilaterais, sequenciais, seriais” (DOLL, 1997, p. 187). Não empregamos o termo *projeto*, utilizado na maioria dos lugares, por remeter a algo sempre pensado de antemão, muitas vezes, alheio àqueles para quem hipoteticamente nos dirigimos. Sendo um sistema aberto, não seria coerente agir como se o processo tivesse um “produto perfeito”, e sim dirigir as transformações de uma tal maneira que o caráter transformacional do processo seja mantido. Cada fechamento nesta estrutura é um novo início, e cada novo início é conectado historicamente com seu passado (Idem, 1997, p. 31).

Outro lado dessa escolha diz respeito às relações que devem se estabelecer nessa situação. Se a ação é de dimensão processual e transformacional, as relações não podem ter objetivos em si mesmas, a fim de atingir uma ou outra meta constritora. Se tomarmos por medida que um acervo não tem um fim em si mesmo, sua ação educativa também não pode ter. Nesse sentido, o serviço educativo necessita desenvolver abordagens efetivas, para garantir atributo de sentido consistente e trazer a possibilidade do exercício da sensibilidade.

Mas onde ocorrem essas atividades? Atualmente, fora dos espaços interditos do Instituto, em razão da mudança do Edifício Colmeias para o Complexo Brasiliana. Por conta disso estabeleceu-se uma relação ainda mais estreita com a comunidade extramuros, que acolheu todos os programas desenvolvidos, entre eles as exposições, forma de extroversão das mais eficazes.

Completamente absorvidas e desenvolvidas pelos museus, as exposições ganharam um peso enorme nas últimas décadas. Com elas, há o desenvolvimento de uma gama de produtos, incluídas as atividades educativas, nos moldes amplamente conhecidos pela cultura. Isto traz à cena dois campos que operam de maneira antagônica, pois se a exposição está no âmbito da comunicação a educação caminha com outro intuito.

Nos grandes museus, não é de se espantar que características comunicacionais reduzam ainda mais as atividades educativas a produtos educativos, reificados em evento e entretenimento, pois a comunicação é o oposto do conhecimento. “É inimiga das ideias porque necessita dissolver todo o conteúdo” (PERNIOLA, 2006, p. 14).

Com a justificativa da democratização da cultura, entre as “nuevas fuentes de financiación está la captación del mayor número posible de visitantes al museo, para lo cual la exposición juega un papel importante. (...) Así, las propuestas expositivas, su calidad o su capacidad para atraer público van otorgar al museo su importancia, su carácter emblemático o su visibilidad social”.

(...) Esta búsqueda del público, del gran público o del público de masas, ha motivado que el museo se haya adentrado en el ámbito del ocio y el entretenimiento (...) y consecuentemente, tenga que realizar una oferta expositiva atractiva para 'competir' con los parques temáticos o, incluso, con los centros comerciales (URTIZBEREA, 2015, p. 11-12).

Com o interesse do IEB em uma abertura maior para a comunidade, foi proposta, pelo Serviço Educativo do IEB, na época de sua implantação (2006), a reestruturação no conceito expográfico e curatorial, no sentido de um melhor acolhimento e fruição para os visitantes, e de uma melhor e mais segura visibilidade dos itens expostos – considerando que o espaço físico havia passado por uma reforma e estava completamente adaptado, atendendo a todas as exigências técnicas com excelente qualidade (espaço este, desativado desde 2015).

Isso significou uma inovação até mesmo para os museus da Universidade, haja vista que no histórico do IEB as exposições entram como atividade e, portanto, sem periodicidade – denotando ser mais uma atividade docente de eventos por efemérides do que um programa de pesquisa e extroversão, ficando o desenvolvimento a cargo de cada pesquisador do titular. Devido, talvez, a essa não regularidade, algo como um serviço

educativo constituído seria praticamente impossível de ser pensado, embora houvesse atendimento a grupos.

Nas publicações sobre o IEB, não há menção a algum tipo de atividade nas exposições, que foram elencadas sempre como fonte de divulgação: “essas exposições também contribuem para conferir dinamismo ao referido acervo. E ainda: constituem elas um dos meios pelos quais o Instituto divulga seu arquivo, sua biblioteca e sua coleção de artes visuais” (CALDEIRA, 2002, p.114).

Fomos paulatinamente introduzindo modificações no espaço expositivo de tal maneira que, monitorando os novos resultados, pudemos inserir pequenas transformações na estrutura conceitual das mostras que se sucediam. Dessa maneira, pudemos propor a reunião de documentos e obras em contextos amplos que envolviam o entendimento de cada área de guarda (arquivo, biblioteca e coleção); apresentar a constituição do acervo pelo titular; selecionar séries, materiais e suportes diversificados que atendessem a curadoria, desenvolvendo novos usos das bases e expositores; e melhorar o fluxograma e a segurança das obras e do público.

Das várias exposições desenvolvidas nesses dez anos, aquelas em que o Serviço Educativo foi responsável por todo o processo (curadoria conceitual e curadoria expografia) foram: série *Mários* (“As licocós de Mário”/“Mário [diálogos]”/“Mário, educador”); “As manhas do Barão”; e “Id: retratos contemporâneos” (em parceria com a Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul). Tendo como princípio as mesmas bases que norteiam as ações educativas, pudemos desenvolver adequações na curadoria, propiciando “planteamientos de 'voces o relatos múltiples, perspectivas múltiples o zonas de contacto' se están llevando a cabo especialmente cuando el tema a exponer está estrechamente relacionado con una población, una comunidad o un colectivo social contemporáneo” (URTIZBEREA, 2015, p.17).

## Conclusão

Ficar mais próximo daqueles que recebemos, de seus históricos de vida e de suas experiências – tornando-os um precioso cabedal de conhecimento prévio (memória individual) – foi a maneira encontrada na mediação para a construção de sentido no contato com os acervos pessoais. Assim, à medida que aconteciam as pesquisas nos acervos, e as conexões foram se estabelecendo, tanto as curatorias conceituais das exposições como os programas de ação educativa geradores, ou deles derivados, compuseram as seguintes áreas:

## Programas de Exposição de Acervo e Coleções Especiais

### Programa Oficinas

Temáticas cujo conteúdo trata das linguagens existentes nos acervos do Instituto. Abrangem grandes áreas do conhecimento e da produção artística e cultural. Há, também, as temáticas específicas que tratam de um acervo. Em especial, uma fase, um movimento ou obra.

Temático-expositivas – desenvolvidas para as exposições elaboradas pelo IEB, tanto em sua sede no campus como em outros espaços da Universidade e em programa de itinerância na comunidade externa à USP.

Formação para professores – elaboradas especialmente para os profissionais da educação (multidisciplinar) desenvolvidas a partir dos acervos do Instituto.

### Programas de atualização para educadores de educação infantil e dos ensinos fundamental I - II e médio

Mário, educador – especialmente para os profissionais da educação: professores de educação infantil (1ª infância, inclusive), ensino fundamental, ensino médio e funcionários de todos os níveis que atuam no ambiente escolar. Trata-se de assuntos escolhidos pelos profissionais e desenvolvidos a partir dos acervos do Instituto, sempre contextualizados, trabalhando questões recorrentes sobre o desenvolvimento de conteúdos, prática de ensino e materiais pedagógicos de exigência curricular.

### Programas pedagógicos em pareceria docente

Estágios pedagógicos com atividades desenvolvidas especialmente para os alunos das licenciaturas utilizarem os acervos como recurso em sala de aula.

### Programa extroversão de acervos

Workshops para o público em geral e/ou grupos representativos ou organizados da comunidade.

## Referências

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **IEB**: origem e significados: uma análise do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

DOLL Jr., William E. **Currículo**: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **O museu e a condição humana**: o horizonte sensorial. Palestra proferida na Conferência ICOM 2013: Diálogos Sul-Sul de Museus. Disponível em: <<http://video.rnp.br/portal/video/video.action;jsessionid=8540445B14E00A4193BE2E4E43B19B0B?idItem=19128>>. Acesso em: 07 set. 2016.

PERNIOLA, Mario. **Contra comunicação**. São Leopoldo: RS: Ed. Unisinos, 2006.

URTIZBEREA, Iñaki Arrieta (Ed.). **El desafio de exponer**. Bilbao: Universidad del País Basco: Euskal Herriko Urtizbertsitatea: Serviço Editorial, 2015.